



SIMPÓSIO 39 - LITERATURA CONTEMPORÂNEA E CRÍTICA DO EXÍLIO

Maria da Glória Magalhães dos Reis – UnB
Tarsilla Couto de Brito – UFG

RESUMOS

Grupo 1:

Pelo espaço do outro: exílio e clandestinidade em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato

Marcela Ferreira da Silva (UFG/FAPEG)
Orientador: Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo (UFG)

A presente discussão tem como objetivo principal observar de que maneira o romance *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009) atualiza a problematização do ser brasileiro, dentro e fora de seu país, e transforma essa temática da emigração em fatura estética ao estruturar o romance numa espécie de gangorra, euforia e melancolia, seguindo o mesmo ritmo da vida de Sérgio de Souza Sampaio, um cataguasense que, buscando uma vida melhor em terras lusitanas, deixa o Brasil para tentar a sorte na capital portuguesa. Em *Estive em Lisboa e lembrei de você* (RUFFATO, 2009), é narrada a história de Sérgio de Souza Sampaio, um imigrante brasileiro na capital portuguesa. Movido pelo sonho utópico de que a cidade grande no “estrangeiro” daria toda sorte de realização (econômica, afetiva, pessoal, social), o narrador-personagem parte de Cataguases rumo a Lisboa. Mas, ao chegar à metrópole, ele não consegue pertencer a esse espaço, tornando-se solitário, clandestino, habitante de um não-lugar e sem pátria, porque, também, não consegue mais retornar ao Brasil. Longe de sua terra natal, Serginho percebe-se estrangeiro, tanto quanto era quando morava no Brasil. Sua vida, movida por breves momentos de euforia, pela esperança de que “agora as coisas vão dar certo”, é mergulhada em longos momentos de melancolia e profunda tristeza, regados com a certeza de ser estrangeiro em qualquer lugar do mundo. A narrativa de Ruffato incorpora o problema da imigração para além das questões temáticas: a voz das classes populares representadas no romance se transforma em estilização por meio do narrador em primeira pessoa, da valorização da semântica e da sintaxe desses sujeitos; por meio da mistura das vozes, com a carência na demarcação do discurso direto e indireto; por meio da ausência de pontuação conforme as normas do registro escrito, configurando à voz narrativa o ritmo da oralidade e o tom próprio do depoimento, em que a



história jorra à medida que o narrador se lembra da experiência vivida. No conjunto, esses recursos oferecem autenticidade à representação das classes populares no romance, ultrapassando o nível do conteúdo para se transformar em fatura estética.

Palavras-chaves: Narrativa; Viagem; Solidão; Imigrante; Luiz Ruffato.

Contos brasileiros inéditos da escritora italiana Manuela Lunati

Alessandra Paola Caramori (UFBA)

As cidades brasileiras de Curitiba, Rio de Janeiro e Salvador dão título a alguns dos contos da nova coletânea, ainda inédita, da escritora italiana Manuela Lunati. Escritos em língua italiana entrecortados com palavras e frases em língua portuguesa, contam com personagens estrangeiros e brasileiros, em tempo instantâneo e diálogos curtos, sobre noites de diversão, erotismo e desejos de posse. É nessa hibridação de línguas, de povos, de lugares de uma escritora italiana que vive há quase dez anos no Brasil, que estuda e trabalha com e sobre línguas, que o tradutor se coloca. Partindo de Conrad (citado por Said em “Entre mundos”, uma das *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**) que diz “que em cada coração espreita o desejo de escrever de uma vez por todas e para sempre um relato verdadeiro do que aconteceu”, questiono por que o exilado sente-se muitas vezes mais apto, por seu natural distanciamento, a descrever a cidade em que vive e/ou que visita e pensa de fazer dela o seu retrato definitivo.

Palavra-chave: Conto, língua italiana, língua portuguesa.

Pelas margens: representações do exílio e da errância em Milton Hatoum

Alex Bruno da Silva (UFG)

O objetivo desta comunicação é analisar o romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum observando como os sentidos da errância e do exílio relacionam-se à configuração do espaço na narrativa. Os modos de experimentação do espaço e das relações humanas são enfatizados em nossa análise para também pensar a fragmentação da identidade na sociedade contemporânea. O romance de Hatoum problematiza a relação entre o sujeito e o espaço a partir da construção de personagens imigrantes, viajantes, exilados e excluídos, que em busca de uma identidade são afetados pela sensação de não-pertencimento, da perda de relação com o outro e com o espaço. É em decorrência dessa condição de exílio que o romance *Dois irmãos* se constitui, seja na



figura da família libanesa em terras amazonenses, seja na figura do mestiço Nael exilado em sua busca existencial. Edward Said (2003) afirma que os exilados sentem na alma a angústia de ser apartado de sua cultura, com valores identitários definidos. Nesse sentido, o romance de Hatoum expõe a condição errante do imigrante e do mestiço e as fraturas do exílio espacial e existencial. Esses elementos somam-se à representação dos espaços narrativos, que determinam o constante trânsito das personagens em uma tentativa de reconstruir suas identidades. A relação do sujeito com o espaço não é vazia, a partir do deslocamento o tema da fronteira pressupõe multiplicidade cultural que direciona a construção das identidades. O espaço fronteiriço funciona como o local em que indivíduos articulam as diferenças culturais. Para Bhabha (2013), a noção de fronteira se constrói a partir da alteridade. Em outras palavras, esses entre-lugares suscitam fluxos e conflitos no processo de redefinição das identidades dos sujeitos em trânsito. O processo de entrecruzamento de culturas desenvolve-se, portanto, na contextura de vidas em trânsito. A errância do dentro-fora de subjetividades marcadas pela viagem, o exílio e a busca da identidade, apontam para um movimento dinâmico de reconstrução de histórias por meio da memória. Por essa perspectiva, portanto, se lerá *Dois irmãos* como romance que evidencia o espaço do exilado e problematiza o sentido de identidade em tempos contemporâneos.

Palavras-chave: Espaço; Trânsito; Identidade; Narrativa brasileira contemporânea.

As vozes do exílio em *Notre Dame du Nil* de Scholastique Mukasonga

Carla Guimarães (UnB)

A descontinuidade do exílio cria o exilado, o sobrevivente. A urgência de se reconstruir através de narrativas que resgatem seu povo e trazem a memória daqueles que partiram é o objetivo deste trabalho. Através do olhar de Scholastique Mukasonga escritora de Ruanda, que após fugir do massacre que assolou seu país, em 1994, vive na França. Uma sobrevivente, como ela mesmo diz. A partir de sua obra *Notre Dame du Nil* desenvolveremos nossas análises sobre o lugar do exiliado e sua contribuição para a construção da memória de sua população. Para tanto, contaremos com a contribuição do conceito *Fora de Lugar*, desenvolvido por (SAID, 2004), a referida obra é um romance com elementos autobiográficos sua narrativa é construída em um universo anterior ao massacre, início dos anos 1970, no colégio interno católico para meninas, em Ruanda. A disputa de narrativas entre as personagens e a importância da religião na construção das identidades ruandenses nos mostram que as tensões e os conflitos entre *tutsis* e *hutus*, etnias presentes no país, que culminaram no massacre, bem como na formação do feminino naquele país.



Palavras-Chave: Scholastique Mukasonga; Exílio; Ruanda; Memória.

A poética da densidade em Gustave Akakpo

Rosana Correia (UNB)

Maria da Glória Magalhães dos Reis (UNB)

Em nossa comunicação, propomos uma reflexão acerca da construção estética da experiência da colonização e migração a partir da peça de teatro *Retour sur terre* (2016) do escritor togolês Gustave Akakpo e do processo de montagem do texto realizado pelo coletivo *En classe et en scène*. Considerando-se a noção de exílio de Said (2003), essa experiência estética fronteiriça que se traduz em método de análise, primeiramente, buscaremos apresentar os procedimentos poéticos do autor que desvelam o silenciamento das vozes das populações vítimas da colonização e da migração econômica, em particular os recursos utilizados para densificar sua escrita. Em um segundo momento, analisaremos como se deu a passagem dessa obra para a cena, para tanto, discutiremos o processo de trabalho do coletivo para dar conta do estranhamento inerente à densidade textual, e as soluções encontradas para lidar com as diferentes dimensões desse estranhamento no espetáculo.

Palavras-chave: Gustave Akakpo, texto teatral, exílio, encenação, estranhamento.

Grupo 2:

“*Arrêt sur image*” e o conceito de Africanidade no *ailleurs* como caminho para a ressignificação dos personagens teatrais em prol da análise da condição da imigração haitiana ao Brasil

Hogan Waked de Brito (UnB).

Maria da Glória Magalhães dos Reis (UNB)

O Brasil, apesar das ondas imigratórias ocorridas desde o período de sua colonização, não é um lugar onde a população está em contato direto com a entrada de grande número de pessoas. Nos últimos anos, o país tornou-se destino para gente de diferentes nacionalidades, como os venezuelanos e os taitianos, que vem ao Brasil por diversos motivos. Contudo, o assunto não é



discutido costumeiramente pela população. Desta maneira, como estimular a discussão e promover relações de empatia e alteridade para com os imigrantes se o assunto não é corriqueiro? Pretendeu-se, a partir da leitura do texto teatral do dramaturgo togolês Gustave Akakpo, “Arrêt sur Image”, e relacionando-o ao Teatro Político de Brecht verificar o teatro como capaz de mudar o mundo e revelar aos leitores/espectadores que a condição dos imigrantes, não importa sua nacionalidade, é a mesma, por ser uma condição do ser humano. O teatro político serve, segundo Brecht, para reparar as catástrofes e levar à reflexão. O texto de Akakpo está inserido neste gênero pois trata de assuntos relativos a interesses públicos, à humanidade e às suas angústias sociais. Além disso, a ideia vem a coadunar-se com o conceito de “Africanité d’ailleurs”, africanidade no alhures, trazido por Sylvie Chalaye (2004). Assim, este trabalho mostra a possibilidade de utilizar um texto de outra nacionalidade para promover discussões e partilhamento de ideias a fim de construir uma relação mais próxima com temas, muitas vezes, distantes da realidade da maioria das pessoas.

Palavras-chave: Teatro político; africanidade; literatura; expressão francesa.

Iléfou, Ilénoir, Iléki: a voz dos filhos da rainha-mãe e o exílio em Catharsis

Aline Bastos Lima (UNB)

Maria da Glória Magalhães dos Reis (UNB)

Catharsis é um drama contemporâneo que fala sobre as feridas do passado de uma mãe cujos filhos estão espalhados nos quatro cantos do mundo. Ex-rainha e “ex-mulher”, Ellè, a Rainha-mãe, é o personagem principal da história. Rainha de um reino devastado, mãe prostituída e ao mesmo tempo tirânica que não soube defender seu reino contra os invasores, Ellè passa por um ritual expurgatório para enterrar o passado e renascer para a vida, como afirma o guardião do Oráculo. A peça foi escrita pelo togolês Gustave Akakpo e publicada em setembro de 2006. O texto mostra a travessia geográfica, histórica, emocional que os personagens exilados de si mesmos passam, sendo a travessia uma figura recorrente do tipo de teatro de Akakpo, segundo Sylvie Chalaye. As figuras dos filhos Iléfou, Iléki e Ilénoir apresentam-se carregadas de protesto, de mágoa, de reivindicação de uma identidade negada. É por meio dessas vozes que a Rainha-mãe reconhece a proporção de seu sofrimento, de seus atos, de sua decadência. Ao mesmo tempo essas vozes revelam a fortaleza existente em suas raízes, em sua descendência.



Essa dramaturgia contemporânea que revela uma África não televisionada também se explica pela reinvenção de uma história (CHALAYE, 2002). Desse modo, a comunicação proposta pretende abordar a dramaturgia contemporânea e as “vozes exiladas” dos personagens Iléki, Ilénoir e Iléfou.

Palavras-chave: Brasil/África, literatura contemporânea, exílio, travessia.

Uma experiência da escuta das vozes de outros em uma leitura cênica da peça *Kantan* de Yukio Mishima com educandos da graduação.

Kimiko Uchigasaki Pinheiro (UnB)

Maria da Glória Magalhães dos Reis (UnB)

Considerando a literatura e o teatro como manifestações artísticas fundamentais que possibilitam uma formação consciente para a escuta do outro pelo viés da educação, propomos neste estudo analisar um trabalho realizado coletivamente de uma leitura cênica da peça *Kantan* de Yukio Mishima. A peça promove a reflexão sobre um fenômeno social amplo, a Segunda Guerra Mundial, a partir da fronteira criada pelo autor. Fronteira na qual reputamos a questão do pertencimento, o estranhamento no seu próprio lugar. A leitura cênica no coletivo engendra aos educandos experiências transformadoras na escuta da voz do outro e do seu contexto.

Palavras-chave: Educação, literatura, teatro, estranhamento.

Imigração, história em quadrinhos e Francês Língua Segunda - o outro deslocado e o texto literário lúdico no processo de aprendizagem de língua estrangeira.

Gilberto Evangelista (UnB)

Maria da Glória Magalhães (UnB)

Os fluxos migratórios e as consequências que eles trazem estão entre os principais desafios mundiais para todas as nações, sem exceção. Rico ou pobre, não existe país hoje que não experimente essa realidade, seja como ponto de partida ou de chegada para pessoas que buscam, acima de tudo, mudar de vida. E tratar desse tipo de questão em sala de aula de língua estrangeira pode ser o primeiro passo para soluções futuras, sobretudo porque a expectativa é de que dentro desse tipo de ambiente (cursos de níveis fundamental, médio e de adultos), as



mentes sejam mais abertas para o “novo” e o “diferente”. Dentro da perspectiva e utilizando o gênero textual História em Quadrinho (ou Bande Dessinée em Francês) como base é que desenvolvo esta comunicação. As BD’s precisam ocupar um lugar de destaque no processo educacional, visto que, há muito tempo, elas são consideradas pelos especialistas como a nona arte da cultura moderna reunindo em si características da literatura, do cinema e do desenho, se tornando um espaço amplo e de grande recepção para temas provocadores e atuais como globalização, imigração, cidadania, economia mundial, sustentabilidade, entre tantos outros. da BD francesa *Immigrants* de Christophe Dabitch publicada em 2010 pela editora Futuropolis. Pretendemos na verdade resgatar um de seus principais objetivos que é o de reconhecer e refletir a imigração como uma questão de contemporaneidade e que de certa forma não encontra ainda no Brasil, o destaque que merece ter e que não é às margens, mas no centro das nossas conversas diárias, dentro e fora das salas de língua materna e, principalmente, de Francês Língua Estrangeira.

Palavras-chave: imigração, história em quadrinhos, francês língua segunda.

A mulher em evidência na dramaturgia de Carolina Vivas Ferreira

Ingrid Karina Morales Pinilla (UNB)

Maria da Glória Magalhães dos Reis (UNB)

Nas obras dramáticas, evidentemente, encontram-se descritos os contextos históricos, sociais e econômicos de cada época da História, pois o teatro reflete a realidade do homem. Deste modo tem ficado em evidência o silêncio do papel feminino dentro do teatro frente ao patriarcado. A voz da mulher é apagada em todas suas posições, como personagem, na dramaturgia e na direção. Isso tem acontecido em diversas culturas e certamente, ainda acontece em Latinoamérica, inclusive na Colômbia. Em vista disso, nesse artigo traçaremos um panorama crítico em torno da proposta dramática realizada pela escritora Carolina Vivas Ferreira, na qual coloca em evidência a violência contra a mulher na sociedade colombiana contemporânea. Apresentamos brevemente algumas das peças da autora. Logo acudimos ao pensamento complexo moriniano para mostrar a necessidade de novos paradigmas que contribuam às reflexões e questionamentos da mulher, criadora, sobre a mulher, inspiradora, no mundo que pode ser representado pelo teatro.

Palavras-chave: Teatro, Carolina Vivas Ferreira, mulher, Colômbia.



A poética do “Marronage” de Kossi Efoui

Maria da Glória Magalhães dos Reis

Nesta comunicação pretendemos discutir a poética do “marronage créateur” do dramaturgo togolês Kossi Efoui. O autor se inspira na história da escravidão nas Antilhas e nas ilhas do Pacífico, para criar o conceito de “Marronage” como um processo de dramaturgia, como um engajamento estético e político em sua trajetória de escritor. O teatro deste autor, que também escreveu e publicou quatro romances, fala sobre o volátil, a evaporação, sobre o tempo e o espaço que escapam dos homens e sobre nossa impotência de conservar a memória. Nosso objetivo é o de refletir sobre a poética de Efoui estabelecendo sua relação com o conceito contemporaneidade para Agambem e a partir da ideia de distanciamento em Brecht.

Palavras-chave: Dramaturgia do Togo, distanciamento, contemporaneidade

Grupo 3:

Tradução de ensaio – Ensaio de tradução

Alice Maria de Araújo Ferreira (POSTRAD-LET-IL-UnB)

A partir da tradução do ensaio “Je, nous et les autres” (2010) de François Laplantine, propomos discutir questões poéticas tanto do que poderia se chamar forma ensaio, quanto seu processo de tradução e o que ele faz ao texto/à tradução enquanto relação crítica. Sem entrar no mérito da questão do gênero e de sua pertinência, desconsideramos aqui a distinção dos ditos textos literários e textos filosóficos (SELIGMANN-SILVA, 2004). Aproveitamos a crítica que Laplantine faz no seu livro, aos conceitos de identidade e de representação para problematizá-los nos estudos da tradução, enquanto categorias relacionais, a partir dos conceitos de alteridade e de transformação. A escrita tradutória ensaia um pensamento sobre a linguagem e manifesta uma ética da relação. Ensaiar uma relação transformadora em tradução mais do que uma representação identitária se configura como um projeto de tradução poética. Nesse sentido, nossa tradução deve ser vista como um ensaio crítico-criativo sobre a linguagem e a relação.

Palavras-chave: ensaio; representação; transformação; tradução; relação.



Tradução comentada: a construção de uma relação

Tathiana Gonzaga de Lacerda Abreu (UnB)
Alice Ferreira de Araújo (UnB)

Tendo como ponto de partida a tradução comentada do conto “What It Means When a Man Falls From the Sky” integrante da coletânea de contos homônima (2017) da autora nigeriana Lesley Nneka Arimah, aproveitamos para discutir conceitos de identidade e hegemonia, cultura (WAGNER), mestiçagem (LAPLANTINE), e poética (MESCHONNIC), e as implicações desses conceitos para o projeto de tradução. Empreendemos também a exploração da tradução comentada enquanto gênero em construção (ZAVAGLIA) que melhor abarca as reflexões, estranhamentos e deslocamentos provocados pela atividade tradutória. Entendemos aqui que através de tal atividade somos capazes de aprofundar a leitura a partir do ponto de vista singular do tradutor/autor que contribui para uma crítica, reflexão e escrita do exílio. Por fim, considerando todas as problemáticas sociais e hierárquicas da concepção tradicional e hermética de “cultura”, nosso trabalho busca apresentar a atividade tradutória como escrita da relação, nem sempre pacífica, sempre em construção. Desse modo, nossa concepção se aproxima da perspectiva de Roy Wagner (2010) que considera a “cultura” uma invenção/criação promovida pela relação com o diferente.

Palavras-chave: Tradução Comentada; escrita da relação; Lesley Nneka Arimah.

Multilinguismo e Tradução: Considerações sobre o processo tradutório do texto literário multilíngue

Rodrigo Rodrigues Martins (LET - UnB)

A partir da leitura de Forster (1970) e Stratford (2008), Reine Meylaerts define o multilinguismo literário como uma realidade histórica (2013), a comprovar-se tanto na sua presença em textos literários canônicos, a exemplo de *A Divina Comédia (1304–21)*, de Dante Alighieri, e *O nome Da Rosa (1980)*, de Umberto Eco - entre outros, como também em uma miríade de textos e manifestações textuais menos reconhecidas. Na literatura, esse manifesta-se na presença de uma segunda língua (a saber, uma língua distinta daquela dominante no texto em questão) que emerge tanto em palavras e expressões isoladas, como também em referências, citações e trechos inteiros neste segundo sistema língua-cultura. Nesse sentido, o



multilinguismo, enquanto objeto do traduzir, exige uma desconstrução, senão total subversão, da noção tradicional de tradução: a transferência (e substituição) de uma mensagem/texto monolíngue na língua-cultura de partida para a língua-cultura de chegada. Para a autora belga, o multilinguismo, enquanto entendido como uma “(co)presença de duas ou mais línguas”, tanto nos textos, pessoas e/ou sociedades, “está inextricavelmente ligado à tradução” (MEYLAERTS, 2013). Nas palavras da estudiosa, “No coração do multilinguismo, encontramos a tradução” (Id., Ibid.). Dessa afirmação, podemos asseverar que, para a tradução, o multilinguismo se configura como um desafio e realidade incontornável a lidar. Partindo dessa reflexão, o presente trabalho destina-se à discussão do multilinguismo, enquanto conceito e realidade histórica manifestada textualmente, e à problematização desse para o processo de tradução literária.

Palavras-chave: Multilinguismo. Monolinguismo. Tradução. Literatura.

A tradução de teatro para libras: experiências e discussões

Virgílio Soares (UNB)

Nesta comunicação abordaremos a tradução de teatro para Língua Brasileira de Sinais – Libras como processo poético. A partir de experiências de tradução de espetáculos teatrais propomos discutir de que maneira a consideração dos aspectos da linguagem teatral permitem a elaboração de um projeto de tradução condizente com a estética de cada peça. Assim, nas experiências apresentadas, focaremos em alguns desses aspectos como: o espaço cênico, o número e as características dos personagens, importantes para uma tradução poética teatral. Nosso objetivo principal é pensar um projeto de tradução que proporcione aos espectadores surdos uma experiência estética vinculada a forma e não uma mera tradução comunicativa da mensagem do texto. Ao propor um projeto de tradução com uma profunda implicação com a forma, percebemos inclusive que a experenciação teatral pode não se efetivar na busca de uma mensagem, mas nas sensações vividas provocadas pela significância da forma.

Palavras-chave: Tradução; Libras; Teatro.

Do caos-mundo ao todo-mundo: literatura mestiça no exílio

Dyhorrani da Silva Beira (UnB)



Partindo da análise do conceito de *caos-mundo* de Édouard Glissant (2005) entendido como o choque e o entrelaçamento entre culturas nos propomos a discutir o papel da literatura mestiça no exílio. Compreendendo língua e cultura como propulsores de valores, no quais os contatos culturais e linguísticos envolvem relações de poder que determinam não só o que é o mestiço, mas também o seu lugar no mundo. Apresentamos, assim, as possíveis relações de pesos e contrapesos estabelecidas entre o “dominado” e o “dominante”. Relação que pode ser ao mesmo tempo de ódio e necessidade e, se orientam tanto pelo contato necessário quanto pela usurpação de práticas linguística, que permitem a visibilidade de valores colocados, na maioria das vezes, pelos dominantes, como ultrapassados. Desse modo, apresentamos como exemplos dessas práticas os textos de Patrick Chamoiseau, Édouard Glissant e Maryse Condé que prefiguram a representação caribenha de um processo de dominação centrado na língua, na cultura e no exílio. Os textos apresentados indicam para uma aproximação do conceito de *todo-mundo* também de Glissant (2005), em que valores culturais e linguísticos não se restringem apenas a um espaço geográfico específico.

Palavras-chave: Caos-mundo, exílio, literatura, língua, cultura.

Grupo 4:

Corpo, exílio e memória em “Conversas sobre a casa (no departamento de deportação)”, de Warsan Shire

Jéssica Fabrícia da Silva (UNICAMP)

Warsan Shire, poeta que ficou mais conhecida após seus poemas terem sido transpostos para o curta-metragem *Lemonade* (2016), carrega em si, enquanto indivíduo, a questão da imigração e do exílio, já que ela nasceu no Quênia, em 1988, mas se reconhece enquanto somali – nacionalidade de seus pais, refugiados –; entretanto, a poeta ainda criança emigrou para a Inglaterra, onde cresceu. Assim, no poema “Conversas sobre a casa (no departamento de deportação)”, Warsan Shire constrói um eu-lírico que fala não apenas do exílio e da perda da casa enquanto território-nação, mas também do sentimento de ser mulher e se encontrar em uma dupla violência, pois ser mulher imigrante é ser um corpo abjeto: “Eu quero me deitar, mas esses países são como tios que te tocam quando você é uma criança adormecida. Olhe para todas essas fronteiras, espumando pela boca com corpos quebrados e desesperados” (SHIRE,



2011, p.25). Para essa comunicação, utilizar-se-á, como ponto central da análise, os pensamentos de Márcio Selligmann-Silva (2003, 2012), no que tange o testemunho e a memória, e Gayatri Chakravorty Spivak (2010), no que concerne a mulher subalterna, além de outros teóricos que discutem a questão do exílio, do corpo e da violência.

Palavras-chave: exílio, corpo, testemunho, subalternidade, poesia africana.

Eneida, a gênese romana: um estudo através da poética da diversidade de Édouard Glissant

Vanessa Aparecida de Almeida Gonçalves Oliveira (UFJF)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar sucintamente a teoria de Édouard Glissant a respeito da identidade cultural presente no capítulo intitulado “Cultura e Identidade”, da obra Introdução a uma poética da diversidade compreendendo principalmente os termos filiação e legitimidade a fim de realizar uma leitura dialética com a epopeia, Eneida. Sabe-se que muitas sociedades antigas tiveram grandes obras que buscaram preservar a cultura e o povo de uma determinada comunidade através de mitos fundadores. Por exemplo, as obras gregas *Ilíada* e *Odisseia*, de Homero, e a obra romana *Eneida*, de Virgílio, representam o substancial de narrativas que iniciaram e marcaram a História do dito mundo ocidental. Conhecer estas obras é extremamente importante, uma vez que, elas influenciaram todo um pensamento de cultura, principalmente no que tange as premissas de identidade nacional, além do mais compreender seu funcionamento é também esclarecer a História ocidental. Com base na distinção das culturas de raiz única e culturas rizomáticas abordadas pelo autor, procura-se desenvolver uma análise comparativa com a obra romana a fim de apreender os sentidos atribuídos aos conceitos de filiação e legitimidade dos quais, por muitas vezes, atestaram a dominação de um povo sobre outro. Em suma, pretende-se a partir do pensamento de Édouard Glissant acerca das culturas atávicas e culturas compósitas, refletir a respeito do pensamento hegemônico da identidade raiz no ocidente, visto que por muitos momentos na História, foi necessário a gênese para restabelecer territórios e povos. Com a totalidade-mundo, já não cabe mais a um povo em comunidade reivindicar a raiz única, mas somente a identidade rizoma defendida pelo teórico antilhano, ainda que, muitas nações, principalmente na Europa estão preocupadas com a sua identidade face à chegada em massa dos imigrantes.

Palavras-chave: Rizoma; Identidade; Legitimidade.

O romance erótico feminino: entre tons literários e libertários

Adriana Moellmann (UnB)

Alessandra Ramos de Oliveira Harden (UnB)

O romance popular feminino ocupa um espaço periférico na literatura. Construída de relances, olhares velados e, em sua maioria, condenadoras, a imagem da mulher que lê sobre o amor e sobre a própria sexualidade imerge em sombras. Como uma forma de exílio, a preferência pela literatura popular não encontra respaldo no ambiente privado e no público, sobretudo na academia. O questionamento a respeito de costumes naturalizados socialmente está presente na literatura, como exemplificam diversos romances de Jane Austen. No entanto, ainda hoje, desencorajada pela repreensão, repressão e crítica, a mulher esconde as capas dos livros que a acompanham fora do espaço protegido do lar. Contudo, essa literatura existe, cria sentidos, encontra anseios que por muito não obtiveram resposta no âmbito da literatura mais facilmente aceita pela academia. Com a explosão do romance erótico popular trazida por *50 Tons de Cinza* (JAMES, 2012), a imagem da sexualidade feminina e da mulher em um relacionamento passou por transformações e ressignificação, dando ensejo a debates que se tornaram mais públicos. A condenação persiste, porém. O silenciamento parece ser ainda uma realidade para quem se assume leitura desses textos, o que nos leva às perguntas: i) quem tem direito à fala considerada literária? ii) quem decide quem tem direito? Nesse sentido, a tradução de obras dessa natureza, que vem crescendo exponencialmente no mercado editorial brasileiro desde o ano de 2012, exige uma análise ainda mais cuidadosa do fenômeno como movimento que dá voz às mulheres e ao feminino. Assim, nesta comunicação, o objetivo é avaliar o lugar ocupado pelo romance popular feminino em meio às discussões atuais sobre a mulher e sua sexualidade.

Palavras-chave: Romance erótico feminino; 50 tons de cinza; tradução; sexualidade feminina

O lugar de fala na retradução da autobiografia de Harriet Ann Jacobs (1861)

Luciene do Rêgo da Silva (UnB)

Alessandra Ramos de Oliveira Harden (UnB)

Harriet Ann Jacobs foi uma escritora negra estadunidense que escreveu e publicou sua autobiografia nos EUA, em 1861. A primeira tradução de *Incidents in the life of slave girl*, no Brasil, tem autoria de Waltensir Dutra e foi publicada pela Editora Campus em 1988. Apesar



de ser uma das obras fundadoras do gênero *slave narratives* (narrativa de sujeitos escravizados) em seu país de origem (YELLIN, 1988), *Incidentes* ainda não obteve grande reconhecimento no Brasil. Ainda assim, elementos da narrativa podem ser identificados em textos brasileiros mais contemporâneos classificados como romances históricos como é o caso de *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2007). Harriet Jacobs narra em *Incidentes* sua vida a partir da juventude como escravizada numa fazenda no sul dos Estados Unidos. Conta ao leitor que, após sua primeira fuga, quando passou oito anos escondida no sótão da casa de sua tia-avó, fugiu para o Norte, em um exílio que lhe foi imposto pelo sistema escravagista, o qual obviamente não reconhecia a pessoa negra como sujeita pensante e com direito de fala. Este trabalho está fundamentado no pressuposto de que a voz de Harriet Ann Jacobs era direcionada às mulheres, inicialmente aquelas do Norte dos Estados Unidos, de acordo com o prefácio da obra, e, com sua retradução no século XXI, às brasileiras. O projeto de retradução aqui apresentado dialoga intrinsecamente com as teorias da tradução feminista com as quais trabalham Lori Chamberlain (2000) e Sherry Simon (1996), que subvertem a linguagem, usualmente hegemônica e patriarcal, com o intuito de causar um estranhamento intencional na língua traduzida. O viés negro-feminista constante em Angela Davis (2016) e Bell Hooks (2014) demarca diretamente nosso local de fala, discutido em Djamila Ribeiro (2017) e denominado como o de sujeita negra *outsider within* (COLLINS, 2016).

Palavras-chave: Narrativas de pessoas escravizadas; Tradução feminista negra; retradução.

Tradução e relações de gênero: um estudo comparado entre a *Odyssey* de Fagles (1996) e Wilson (2017)

Marina Lacerda Machado (UFG)

Tarsilla Couto de Brito (UFG)

Nesta comunicação iremos analisar comparativamente duas traduções da Odisseia, a primeira publicada em 1996, por Robert Fagles, e a segunda publicada em 2017, por Emily Wilson. Wilson foi a primeira mulher a traduzir a Odisseia do grego para o inglês, e deixa sua posição de gênero clara na introdução de seu livro. Fagles é um dos tradutores mais reconhecidos para o inglês, que tem sua tradução indicada na maioria dos cursos de literatura. A comunicação será norteadada por uma questão problema: há uma diferença no tratamento de questões de gênero quando a Odisseia é traduzida por uma mulher ou por um homem? Como essa diferença (ou



não) operaria no campo da tradução? Para responder a essas perguntas, iremos, em uma primeira frente de trabalho, fazer a comparação entre as duas traduções em inglês, com foco nas passagens de Penélope, das sereias e das descrições das mulheres. Também utilizaremos as traduções em português de Trajano Vieira e Donaldo Schüller, com o propósito de elucidar certos trechos. Para melhor compreender o período, serão utilizados trabalhos de filologia sobre a Grécia, principalmente os que elucidem as relações de gênero. Em uma face mais teórica do trabalho, a tradução na contemporaneidade, especialmente depois dos estudos comparados, será estudada e pensada nesse caso específico.

Palavras-chave: Odisseia. Tradução. Gênero. Estudos comparados.

Grupo 5:

Dialogismo: uma hipótese para o conceito de *mimesis* em Bakhtin

Camilla Angélica Dantas (UFG)

Tarsilla Couto de Brito (UFG)

O estudo proposto tem enfoque em entender a concepção de *mimesis* para Mikhail Bakhtin, historiador da literatura e filólogo soviético. Para isso, conta-se com a leitura parcial de *Questões de Literatura e de Estética, Marxismo e Filosofia da Linguagem e Estética da Criação Verbal*. A ideia que se defende aqui é a de que a *mimesis* em Bakhtin se dá pela noção de dialogismo, que atravessa, direta ou indiretamente, toda a produção bakhtiniana. Ao trazer a discussão sobre o discurso no romance, o linguista deixa evidente seu pressuposto de que para que a representação seja possível a linguagem precisa ser dialogizada. Para colaborar com a defesa da hipótese em questão, utiliza-se o texto *Mimesis e modernidade*, de Luiz Costa Lima. Aspectos como a ideia de horizonte axiológico dos discursos e a forma como estes são colocados em função da discussão sobre a representação também são utilizados na discussão como forma de obter maior sustentação para a defesa da hipótese. Sobre o horizonte axiológico (ou valorativo), a questão trazida por Bakhtin se refere à impossibilidade da neutralidade no discurso, uma vez que estes sempre são marcados por um valor proveniente de uma ideologia, apresentando sempre um posicionamento social. Quando o autor articula sobre o discurso, fica



evidente uma preocupação com o reforço da relação entre a linguagem e as situações sociais. Tudo isso reverbera de maneira a facilitar o entendimento da mimesis para Bakhtin.

Palavras-chave: Bakhtin, mimesis, dialogismo.

O PNBE de 2015 e a canonização de uma literatura indígena

Giulia Geovana C. de Lima (UFG)

Tarsilla Couto de Britto (UFG)

A presente comunicação tem como objetivo sintetizar o PROLICEN desenvolvido de Agosto de 2016 á Agosto de 2017. O objetivo foi conhecer a Lei 11.645-2008, o edital do PNBE/2015 e outras atividades sociais/culturais para analisar o processo de “canonização” de uma literatura indígena do início do século XXI. Para tal, busquei ter contato com algumas obras indígenas analisadas e selecionadas pelo edital do PNBE, com o próprio edital de seleção e com atividades desenvolvidas para a criação e/ou manutenção/disseminação da literatura indígena e pude analisar o processo de criação do cânone e as obras que faz/farão parte da referida “canonização” da literatura indígena brasileira. Inicialmente, meu foco foi compreender a definição de cânone literário, por meio de um levantamento bibliográfico, e de relacionar o princípio da autonomia com este conceito de cânone, buscando compreender melhor de que forma este princípio de autonomia constituiu-se como um dos critérios de definição de um cânone literário. Para tal, amparei-me em Antonio Candido, e busquei a partir de dois de seus textos (“Estímulos da Criação Literária” e “O direito a literatura”) compreender a maneira como o autor vê os conceitos de autonomia e cânone e articulá-los. Para melhor compreender estes dois conceitos e conseguir relacioná-los, utilizei-me também dos seguintes autores: Eduardo Coutinho, Roberto Reis, Harold Bloom, Edward Said e Italo Calvino. Em seguida, busquei compreender melhor a maneira de relacionar minhas conclusões a respeito do princípio da autonomia como um dos critérios de definição de um cânone com a polêmica em torno do conceito de mimesis. Ancorei-me nos textos “1.4. Introdução ao ocaso da mimesis” presente na obra Vida e Mimesis de Luiz Costa Lima, e no primeiro capítulo do livro Mimesis e Modernidade, intitulado “A explosão das sombras: Mimesis entre os gregos”, do mesmo autor.

Palavras-chave: Literatura indígena, Cânone, PNBE.



O romance *Deus de Caim* de Ricardo Guilherme Dicke como desafio ao conceito de *mimesis* no século XX

Renata Servato Gomes (UFG)

Tarsilla Couto de Brito (UFG)

Resumo: O ocidente deixou para trás um sentido extensivo de literatura para dividir-se entre duas visões polarizadas que comungam de um mesmo princípio, sua relação com a realidade. De um lado a tradição que definia a arte poética como imitação de homens em ação; de outro uma visão que afirma literatura como a expressão de uma experiência autêntica. Dentro deste recorte histórico, apresentamos o objeto literário por meio do qual pretendemos atualizar a discussão: o romance *Deus de Caim* (1968) de Ricardo Guilherme Dicke. Na trama Caim e Abel reencarnam nos gêmeos Jônatas e Lázaro Amarante, seres do sertão mato-grossense que entram em conflito quando se apaixonam pela mesma mulher, Mirina. A construção imaginária desse sertão interfere na cidade e dela recebe interferência, revelando um mundo temperado por preconceito. O que mais chama a atenção, no entanto, é a resposta que o romance pode dar à pergunta “o que é literatura?” dentro dos parâmetros que acabamos de descrever. Completamente inserido na tradição moderna, é a linguagem o maior personagem da prosa de Dicke, com um estilo que não se enquadra no que a literatura brasileira conheceu como regionalismo, essa prosa possui alto grau de elaboração, conduzindo o leitor para um território de incertezas narrativas e principalmente formais. O romance coloca tudo em descompasso: os narradores sucedem-se sem que o leitor consiga identificar a lógica do discurso; personagens sem instrução refletem sobre a vida tendo a pintura, a música erudita ou a filosofia como parâmetro; cada personagem tem a chance de mostrar-se em primeira pessoa sem necessariamente transformar-se em narrador; a representação da relação entre campo e cidade, típica do regionalismo é desestabilizada por uma concepção de espaço fora dos padrões. Assim, o descompasso entre forma e conteúdo é tão evidente que nos faz supor uma crítica da tradição literária moderna, tanto ocidental quanto regional. Tal é a hipótese do presente trabalho: que o descompasso entre forma e conteúdo pode ser uma nova resposta aos problemas da representação. Daí a relevância da análise do romance de Dicke.

Palavras-chave: imitação, expressão, *mimesis*, romance, literatura.



Mulheres autoras na tradição do *como e porque escrevo*

Amanda Ristov (UFG)

Tarsilla Couto de Brito (UFG)

O estudo da autoria feminina possui diversos campos de análise, como a delimitação dos temas comuns ao fazer literário feminino e se há forma própria dessa autoria, por exemplo. Este trabalho visa contribuir com uma via de estudo e pesquisa diferentes dessa ótica, mesmo se constitua como crítica literária em algum nível, rastreando uma tradição literária de autoras que refletem sobre os modos e motivos pelos quais escrevem, interferindo diretamente nesse processo e afixando, inclusive, critérios de análise próprios. Isso se dará por meio da leitura de obras ficcionais e não ficcionais de autoria feminina, em que essas autoras discorram sobre a arte da escrita em variadas nuances que abordem os aspectos materiais, circunstanciais, sociais e até biológicos que afetam esse fazer literário e seus posicionamentos acerca desses temas. De início integra o corpus de análise Virgínia Woolf, por sua obra intitulada "Um teto todo seu" e Carolina Maria de Jesus com "Quarto de despejo", a fim de, por meio dessas obras, e seus posicionamentos, pensarmos sobre as condições de fato necessárias para que mulheres consigam efetivamente produzir Literatura. As duas obras são contrastantes e discorrem sobre as condições materiais, sociais e de gênero do fazer literário e da escrita.

Palavras chave: Literatura, mulheres, autoria, escrita, gênero.

O estranho contemporâneo das narrações em 1ª pessoa de autoria feminina

Tarsilla Couto de Brito (UFG)

Alguém já disse que a autoficção seria o gênero de autoria feminina por excelência. Sabendo que a autoficção diferencia-se da autobiografia como um gênero em que importa menos os fatos vividos do que as razões, muitas vezes obscuras, para escrever sobre si, levanta-se aqui a hipótese de que a autoficção seja um espaço privilegiado para o encontro com o contemporâneo tal qual proposto por Giorgio Agambem. Segundo o pensador italiano, o contemporâneo começa por não coincidir-se consigo mesmo, tal qual podemos constatar no descompasso de um Eu que se fragmenta na passagem entre os planos da Enunciação e do Enunciado, entre Narrador e matéria narrada. Assim como o contemporâneo estaria em permanente anacronismo com seu tempo, as narradoras em primeira pessoa, tomando a si mesmas como matéria de



reflexão e de reinvenção encontram-se em um tipo de deslocamento temporal cujos marcos cronológicos são as perguntas: o que sou eu? O que eu desejo ser? O que eu não quero ser? O que eu não sei sobre mim? Graças à oscilação entre essas perguntas, o contemporâneo das narrações de autoficção feminina descobre nas fraturas da narração um escuro feito de coisas existentes que precisam ser plasmadas esteticamente. Há uma urgência nesse blind date consigo mesmo que, tomando aquelas perguntas como marcos cronológicos, só poderá ser descrita como um “ainda não” e simultaneamente como um “muito tarde”. Esse encontro com a contemporaneidade no plano de uma narração que só permite a invenção na medida em que há verdades que precisam ser desinventadas depende daquilo que “não mais”. “De fato, a contemporaneidade se escreve no presente assinalando-o [o passado] antes de tudo como passado” (AGAMBEM, P. 69). Porque o passado, o arcaico, a arké, a origem não deixa nunca de atuar. O contemporâneo dessas narradoras de si mesmas encontraria no escuro do presente o que de arcaico as movimentava. Mas esse arcaico não será algo conhecido perdido na memória. O arcaico apresenta-se como o que as torna estranhas a si mesmas via escrita, posto que se trata de um não-vivido que, conhecido e citado, se atualiza na linguagem da invenção. Provisoriamente, apresentamos Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus e O corpo em que nasci de Guadalupe Nettel como obras pertinentes à presente proposta de estudo.

Palavras-chave: Autoficção; Contemporâneo; Autoria feminina.